

residências e, hoje, mesmo que a PMV se responsabilize pelos gastos de construção de uma rede de esgoto, será muito difícil convencer os moradores a pagarem por um serviço que eles atualmente têm de graça. Nem mesmo o risco de doenças endêmicas, como a esquistossomose, hepatites, verminoses e diarreias, estimulam os governos — e por extensão a própria população — a optarem por um sistema de tratamento de esgoto no nível que funciona o de água.

Igualmente problemática é a questão de trânsito na região de Vitória. Diariamente, o centro recebe cerca de 552 ônibus procedentes de todos os bairros periféricos e intermunicipais. Procedentes de Vila Velha, Cariacica, Viana e Serra circulam no centro cerca de 343 coletivos somando-se a este número mais de 209 coletivos procedentes de diversos bairros, que realizam linha interna. Isso quer dizer que cerca de 395.371 mil pessoas se deslocam para o centro de Vitória. Essa prática faz com que o centro tenha uma superpopulação no período comercial, excedendo a sua capacidade de escoamento de tráfego e ocasionando, diariamente, o fenômeno do "rush" — que é o já conhecido engarrafamento das 18 horas.

Segundo estudos do Instituto Jones dos Santos Neves, o deslocamento interurbano de Vitória realiza-se da seguinte forma: 21 por cento de ônibus, 75 por cento de automóveis e 4 por cento de caminhões. A taxa média de ocupação dos coletivos é

devido à inexistência de controle dos horários para carga e descarga e ao pouco espaço que sobra aos pedestres para transitarem pelas estreitas calçadas, principalmente nos pontos de ônibus.

Na opinião da população — expressa através dos constantes abaixo-assinados, enviados diariamente à PMV — os dois problemas urgentes e imediatos de Vitória são: expansão da rede de esgoto e saneamento e descongestionamento do tráfego. Resolvidos estes problemas, Vitória seria uma cidade mais próxima dos padrões internacionais de classificação de metrópole. Aos abaixo-assinados a PMV não se digna a responder, mas quando questionada pela imprensa apressa-se a enfatizar a carência de recursos financeiros, mesmo ostentando uma receita tributária de Cr\$ 1.004.824 bilhão recolhida no ano passado.

Segundo o famoso relatório sobre as atividades desenvolvidas no ano de 1980 pela PMV, a receita do Município é formada pela receita tributária, constituída dos impostos sobre a propriedade imóvel e sobre serviços de qualquer natureza (ISS), taxas e receitas de outras origens (não especificadas) representadas pela cobrança da dívida ativa e por serviços prestados à comunidade e, finalmente, pela transferência da União e do Estado, de contribuições relativas a fundos federais e participação do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias (ICM).

A nível de transferência de recursos,

TRIBUNAL DE VITÓRIA, a reportagem feita para os 214.640 mil habitantes de Vitória e a população nuante procedente de outros municípios.

CINEMAS

Os cinemas estão sendo demolidos sob o pretexto de queda na procura pelo usuário. Mas tal assertiva é frontalmente desmentida pela alta frequência nos festivais cinematográficos, exibidos recentemente no cine Paz e São Luiz. A população aprecia bons filmes e os assistiria se a sua exibição fosse frequente. Segundo os usuários mais assíduos do cinema, a queda de frequência nas salas de exibição e a consequente queda de lucro dos proprietários, deve-se ao fato da péssima qualidade dos filmes apresentados.

Excluindo-se os cinemas, os clubes e bares, ao cidadão classe média e alta resta somente o teatro como divertimento, mas este passa a maioria do ano fechado, apresentando, de vez em quando, uma peça que merece ser apreciada. E quando isso acontece, toda a elite capixaba desengaveta os trajes da última moda em Paris e faz de Vitória uma extensão dos shows da Broadway.

Mas, apesar de toda a falta de incentivo à diversão noturna capixaba, as classes média e alta não têm do que reclamar, se levada em consideração a total falta de opções para o cidadão da classe baixa. Na falta de melhor opção, o trabalhador assalariado procura divertimento no cine Santa Cecília — famoso pela exibição de dois filmes pornô-eróticos, numa mesma seção. Lá, diariamente, pode-se encontrar pessoas dos mais variados tipos, que nas ruas podem passar despercebidas, mas que naquele local, adquirem um certo brilho e atrevimento até desconhecido por eles mesmos — talvez seja mera questão de auto-afirmação. São trabalhadores da estiva, operários, desocupados e peões que se reúnem para assistir a uma fita, ou ver a vida passar da janela lateral do cinema.

Quando este mesmo trabalhador sai do cinema Santa Cecília, depara-se com os apelos lânguidos das mulheres que passeiam pelas calçadas do Parque Moscoso, à procura de companhia noturna.

Centro: convivência comércio-residência

O Centro está comprimido entre o mar e a montanha. Na avenida capixaba a densidade predial é muito elevada, e os prédios, colados uns aos outros, formam verdadeira muralha. Ao longo dos prédios altos — de até 20 andares, de construção recente, permanecem ainda alguns remanescentes do velho casario, de até dois ou três pavimentos, que aos poucos vão cedendo lugar aos novos edifícios.

Abriando inúmeras atividades comerciais e de prestação de serviços, o Centro só é utilizado em sua plenitude durante uma parte do dia, esvaziando-se substancialmente à noite, quando termina o horário comercial e ele deixa de ser prestador de serviços e passa a desempenhar a função de dormitório. O Centro, além de abrigar as principais instalações de serviços e comércio da aglomeração, apresenta considerável ocupação residencial, cerca de 20 por cento da população de Vitória. Tal prática permite caracterizá-lo como uma zona de transição de zona mista (residencial e comercial) para zona comercial e de serviços.

O centro de Vitória constituiu-se no núcleo principal de atração e animação de toda a aglomeração. Além dos estabelecimentos de abastecimentos e prestação de ser-

viços, concentra a maior parcela dos equipamentos institucional, cultural e recreativo do Município. A principal faixa do comércio começa na Vila Rubim, onde se localiza o principal centro de abastecimento alimentício do Município, estendendo-se até a av. Jerônimo Monteiro, junto à praça do Trabalho, ocupando uma área de aproximadamente 30 ha.

O comércio alcança também outras ruas, ocupando quase toda a extensão da via central da aglomeração, indo até as avenidas Duarte Lemos e Marcos de Azevedo. Outra concentração comercial localiza-se próxima ao Parque Moscoso, entre as avenidas Presidente Florentino Avidos e Cleto Nunes, onde se sucedem estabelecimentos comerciais e edifícios de escritórios. Os quarteirões formados entre as ruas General Osório, Thiers Veloso e av. República têm uso predominantemente comercial e de prestação de serviços, com grande quantidade de edifícios-escritórios.

A área comercial desenvolveu-se seguindo o eixo formado pela av. Jerônimo Monteiro, abrangendo a av. Getúlio Vargas, Duque de Caxias e Princesa Isabel. Dentre essas avenidas, a Jerônimo Monteiro é a que

apresenta uma maior diversidade de estabelecimentos comerciais e de serviços. As ruas Graciano Neves, Sete de Setembro e 13 de Maio apresentam características comerciais. Os estabelecimentos localizados nestas ruas destacam-se em sua maioria pela venda de artigos de vestuário e de presentes, constituindo-se em um núcleo do comércio de luxo de Vitória.

Embora demonstre tendência para mudanças o centro político-administrativo de Vitória ainda está instalado no Centro. Lá é que se encontram localizadas as maiores repartições estaduais, municipais e federais. Nele estão sediados o Palácio do Governo, Assembléia Legislativa, Banco do Brasil, Companhia Vale do Rio Doce, Caixa Econômica Federal, órgãos de vários ministérios federais, Telest, Cesan, Assessoria Estadual de Imprensa, Delegacia Regional do Trabalho, Capitania dos Portos, Inamps, Juizado de Menores, Corpo de Bombeiros e Porto de Vitória.

Acolhe ainda o Hospital São José, Clínica de Repouso Santa Angélica, Pronto Socorro de Fraturas, Clínica dos Acidentados, Faculdade de Farmácia, Escola Superior de Música, cinemas, Teatro Carlos Gomes, Teatro Estúdio, galerias de artes, cineclubes, Parque Moscoso e outros.



São raros os bons filmes nos cinemas de Vitória



O Santa Cecília é frequentado pela classe baixa

hotéis, clubes, teatros, cinemas, parques e demais equipamentos urbanos, que visem ao bem estar da coletividade.

O atual aspecto de Vitória e sua concentração comercial é decorrência da estrutura catalizadora da migração da década de 60 e da desarticulada distribuição industrial. Os bairros se articulam em unidades urbanas, estruturados entre si e apoiados em um centro comercial. Vitória é este centro comercial. Na pura observação de como se procedeu a aglomeração de Vitória e de seu desenvolvimento histórico com base no que ela é hoje, constatar-se-á que as funções comerciais-administrativas, cívicas e recreativas e os serviços realizam-se cada vez mais no centro da cidade de Vitória e que este — tendo um limite físico de expansão quase saturado — tende a causar mais problemas do que servir à população.

NA HISTÓRIA

A única forma de se chegar a um ponto comum sobre o porque de Vitória ter se tornado um centro comercial, catalizador de funções e de prestação de serviços, é retroceder no tempo, buscando as raízes históricas para o fenômeno. No caso específico de Vitória tudo começou em 1535, quando os primeiros habitantes da localidade que viria a ser posteriormente denominada de Ilha da Vitória, fixaram-se no continente junto à praia, na margem Sul do canal. Os ataques dos índios goitacazes fizeram com que os colonos penetrassem mais nas florestas à procura de pontos estratégicos de combate.

E, 1551, foi fundada a vila de Nossa Senhora da Vitória. O desenvolvimento urbano ocorreu somente na passagem do século XIX para o atual. A cidade, até então, ficara confiada ao diminuto espigão onde teve início. No final do século e nas primeiras décadas do atual foi construído o porto de exportação. A cidade foi transformada em aglomeração administrativa e religiosa, quando foram erguidos o Palácio do Governo, a Assembléia Legislativa e a Catedral. Sua economia era ainda estritamente colonial. Somente durante a República iniciou-se o processo de transformação urbana com a construção de obras de infra-estrutura: água, luz e esgoto, até então inexistentes, e procedeu-se a aterros e drenagens de alagados para incorporação de novas áreas à cidade. Assim tudo começou, e esta prática até hoje ainda encontra ressonância, quer nos aterros indiscriminados, quer na especulação imobiliária.

Desde 1940, devido ao porto de exportação, Vitória vem se tornando no principal centro de serviços do Estado, atraindo migrações e triplicando a sua população, que já naquela época respondia a um terço da população total do Estado. Mas é na década de 60 que o processo de ocupação do território da aglomeração torna-se maior. Com a erradicação do café, 200 mil pessoas deixaram o interior do Estado, dos quais, aproximadamente, 120 mil migraram para Vitória e 80 mil para outras unidades da Federação, verificando-se um crescimento demográfico da aglomeração de Vitória, da ordem de 65 por cento, um dos maiores verificados no Brasil naquela década.

No final da década de 60, Vitória viveu um episódio comum às metrópoles em formação: especulação imobiliária. Pela sua posição de centro, pelas obras de infra-estrutura e pela falta de novas formas de expansão espacial, o município de Vitória começa a sofrer a especulação imobiliária e seu preço em constante alta permite abrigar somente as camadas de renda mais elevada da sociedade, deixando a periferia para as classes mais baixas. Com a elitização do Município os serviços de comércio também se tornaram mais especializados e de nível mais elevado. Esta característica de supervalorização do terreno ainda é um aspecto ressonante na Vitória de hoje, talvez devido à saturação espacial.

SEGREGAÇÃO

O processo de segregação social se reflete na segregação física dentro da cidade. As classes altas tendem a se isolarem em ambientes exclusivos, homogêneos e nostálgicos. A vizinhança não representa uma necessidade, mas um incômodo que deve ser evitado. As classes de renda mais baixa, incapazes de competirem pelo preço dos terrenos, fixam-se nos locais menos acessíveis ou menos disputados — mangues e morros — O poder público por sua vez, com presteza atende prioritariamente às áreas onde há concentração de alta renda, com acesso facilitado aos centros de poder e decisão. Ainda que desminta, o poder público investe mais nas áreas já urbanizadas, em melhorias urbanas, do que aplica em equipamentos de infra-estrutura nas regiões mais carentes.

Dai, os contrastes entre a Praia do Canto, Camburi, Barro Vermelho, Santa Lúcia e Ilha do Boi com as favelas do Romão, do Jaburuna ou do Quadro, ou mangues habitados da Estrada do Contorno, de Santo Antônio e de Solon Borges, em Goiabeiras. Praia do Canto, Barro Vermelho, Camburi e adjacências são os bairros mais bem dotados de equipamentos urbanos, quanto a calçamento, pavimentação, arborização, iluminação pública e comércio. As ruas são largas e em alguns casos dotadas de canteiros centrais arborizados. A pavimentação predominantemente é em paralelepípedo e em blokret e domina a iluminação com lâmpadas em vapor de mercúrio.

Em contraste com todo o requinte dos bairros nobres de Vitória, em suas imediações está concentrada a maior quantidade de favelas do Município, nas encostas dos morros Grande, Gurigica, maciço central e Bomba, nos mangues do canal da passagem, contorno e Goiabeiras. Nestes bairros-favelas a qualidade dos equipamentos decai e em alguns casos inexistem. Em todos eles as queixas são sempre as mesmas: falta água, luz, esgotos, ruas de acesso, galerias pluviais, iluminação pública, escolas, postos de saúde, áreas de lazer e demais equipamentos urbanos.